



REVISTA ENTENDIDA: ARQUIVO LÉSBICO DA ILHA DO VELCRO
ENTENDIDA MAGAZINE: LESBIAN ARCHIVE OF VELCRO ISLAND

Leila Pessoa Bechtold
PPGAV/UDESC
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Este trabalho explora a criação de um arquivo lésbico em Florianópolis, "Ilha do Velcro", através da revista "A Entendida". Pela ausência de registros, criei narrativas de mulheres lésbicas via formulário online. A metodologia incluiu a coleta de descrições de "personas" lésbicas por região e "causos", evidenciando a ocupação de espaços e a importância da comunidade. Os resultados demonstram a diversidade das vivências lésbicas e a necessidade de romper com a invisibilidade histórica.

Palavras-Chave: Arquivo Lésbico. Ilha do Velcro. Revista. Florianópolis.

ABSTRACT

This paper explores the creation of a lesbian archive in Florianópolis, "Velcro Island," through "A Entendida" magazine. Due to the absence of records, I created narratives of lesbian women via an online form. The methodology included collecting descriptions of lesbian "personas" by region and "stories," highlighting the occupation of spaces and the importance of community. The results demonstrate the diversity of lesbian experiences and the need to break historical invisibility.

KEYWORDS: *Lesbian Archive; Velcro Island; Magazine; Florianópolis.*



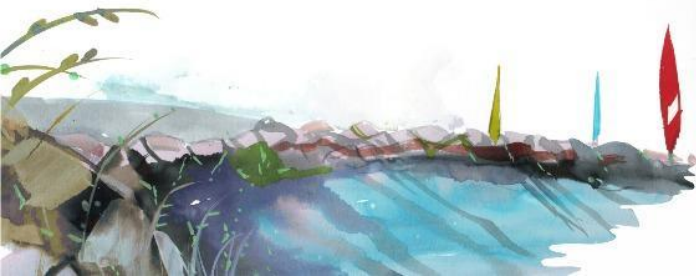
Reuniões podem ser pessoas

Tenho mania de reunir as coisas fisicamente, separar por objetos, por exemplo tenho uma pilha enorme de borracha em um único estojo, gosto muito de reunir minhas amigas no mesmo espaço. Pensando na coleção não física, recolho os acontecimentos na minha cabeça, como se fosse um grande arquivo que revisito de vez em quando. Em 2020 escrevi um texto intitulado *Faca na manteiga*, no qual vou tencionar a ideia de arquivo com a simbologia da caixa:

A caixa é suporte para variados sentimentos, o que me fez refletir sobre a Vivian Maier, uma fotógrafa, por melhor dizer uma caçadora de momentos seus. Em uma foto existe um menino subindo em uma moldura de quadro para poder enxergar dentro de uma caixa, no meio de uma rua vazia e só podemos saber deste acontecimento por conta dos negativos de Vivian, que por sinal foram revelados pela mesma. Centenas de momentos congelados no fio da existência e engavetados por anos. Ela nunca mais pôde voltar lá. Um dia uma pessoa resolveu revelar suas fotos, após a sua morte, fico pensando quantos momentos se perpetuaram nesta ação? Queria poder fotografar todos os meus momentos, seria uma tarefa incansavelmente impossível. Corro um sério risco, isto é um pedido de ajuda e acho que Vivian não poderá me ajudar. Não lembrarei das nossas idas ao bar, quando você sentou à minha frente e falou sobre planos que provavelmente agora não vá me lembrar. Ainda me lembro todas as vezes que me olhou, olhares que lançaram um motivo, do qual provavelmente não vou poder mais descrever. Todos os momentos estão se autodestruindo na minha mente, dia após dia. Me sinto presa nesse corpo corrupto de pensamentos, com sentimentos confusos por falta de provas. Eu devia começar a anotar?

A obra que fiz anunciava "Cuidado Frágil", eu menti para você, na verdade estamos lidando com o Descuidado. Aquele menino da fotografia de Vivian poderia olhar para seu futuro ou suas memórias. Nunca saberei ao certo, mas foi desta forma que me coloquei ali. Armei uma arapuca muito bem armada logo à minha frente.

Quando era pequena existia uma lenda na minha casa na qual todas as coisas que sumiam ficavam no meu baú, que é esta forma de caixa. Talvez todos estes momentos estejam lá me esperando, entre meias de um só par, isqueiros, roupas, pilhas, retratos, dinheiro, brincos e tudo que nunca mais retornará à existência presente. E quem sabe um dia posso cantar com todas as letras 'Hoje foi o dia em que abri as caixas e chorei, de saudades de minha infância e das coisas que lá deixei... diga que é easy, my girl'. Eu não voltei dos anéis de Saturno, na verdade eu gostaria, mas perdi os bilhetes. (PESSOA, et al. 2020a, p.85-86).



Ao longo desta escrita, compreendendo que ela se desenvolveu em anos e não em meses, nossos olhares mudam, esticam, quicam, e existe esse vai-e-vem, senti falta daquilo que não me foi ofertado, cadê a graça? Eu quero rir, quero fazer piada, quero me divertir na mesa de um bar contando causos lésbicos, e por mais que seja importante militar diariamente, quero me despir dessa camada e simplesmente viver como uma lésbica, o que é viver como uma lésbica? Existem obviamente muitas vidas, e tipos de mulheres lésbicas, com o esticar da malha de existência me permito pensar no que eu quero, e hoje eu só queria, abrir uma revista "Capricho" sapatão e descobrir as possibilidades fictícias que o horóscopo de Áries para o mês de julho me proporcionaria.

A partir desta inquietação e da vontade de encontrar referências múltiplas de como ser e viver em um corpo lésbico, me dispus a criar uma revista sapatão que criasse uma espécie de arquivo que reunisse histórias diversas de lésbicas que vivenciam o território com seus múltiplos corpos e formas de vida.

Me inspirei na já conhecida "Atrevida" e criei a Entendida. A ideia era criar uma revista que abordasse a cidade onde vivo, Florianópolis. Utilizei então o codinome "Ilha do velcro" para falar desta cidade, como uma espécie de afirmação desta ilha como uma ilha onde os corpos lésbicos se encontram e também tomam posse desta porção de terra. Pensei por alguns dias e eu não poderia fazer essa construção sozinha, a minha rede de amigas e de conhecidas poderia falar um pouco desse nosso contexto, e foi assim que se deu a ideia, fui pedindo para minhas amigas me enviarem por áudio ou escrito duas perguntinhas: "Descreva como é uma mulher lésbica da sua região aqui da Grande Florianópolis na sua visão, compreendendo o recorte da sua existência e vivência, incluindo personalidade, gostos, identifique esta representação. De uma forma ampla tente fazer essa persona. Ex: Uma mulher lésbica da minha região se veste de (x) forma, tem (y) personalidade, gosta de ir a (x) lugares, etc." E outra pergunta era: "Todo mundo gosta de fofoca, certo? Compreendendo a relação de duas mulheres e o universo lésbico, você poderia contar um caso real envolvendo duas mulheres que passaram aqui pela ilha? Pode



ser uma história pessoal ou que você ouviu falar."

Queria mostrar para as pessoas o que era o núcleo das lésbicas da Grande Florianópolis, ou pelo menos de uma parte desse emaranhado todo, as fofocas, os lugares, e principalmente contar onde foi o início disso, que pra mim foi sentada no localmente famoso "Bob's da Trajano" quatorze anos atrás.

Nesse sentido escrevi:

Todas as sextas,

era o mesmo trajeto,

lembro de pegar o 43402 e ir em busca de algo.

Eu não sabia exatamente o que era, mas lembro da sensação,

minha barriga borbulhava subindo o calçadão,

aquelas pedras da rua do centro,

os pombos sobrevoando, um dia ainda quero catalogar os pombos de

Florianópolis,

eu não gostava deles, mas de uns tempos pra cá eles me trazem o

contentamento: estou em Floripa.

Lembro do cheiro de batata-frita entre o Massa Viva e o Bob's,

as pessoas que não se cumprimentavam, mas cruzavam os olhares.

Às vezes alguém levava violão e a gente podia ouvir alguma música indie

como melodia, mas se tocavam Armandinho todos sabiam.

Era o caos do centro de sempre, as pessoas fazendo compras, gente

transitando até o terminal, e nós, os jovens, vivendo algo que ninguém nunca

me explicou naquele momento.

Ocupação do espaço público, formação de um espaço livre para ser quem se

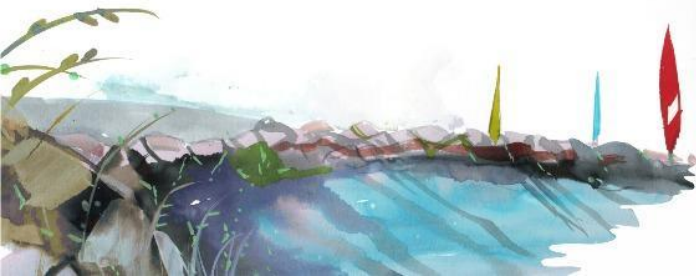
é.

Gosto de passar na frente daquelas cadeiras e lembrar de toda conversa, dos

olhares, risadas e tudo que me fez ser quem eu sou hoje.

Todas as sextas eu lembro como é importante ser cercada por pessoas que

nos dão segurança de apenas ser.



o bob's da trajano

Essa história começou há mais ou menos treze anos, os jovens homossexuais e LGBT da grande Florianópolis se juntavam na frente do restaurante Bob's no período da tarde, a maioria saía da escola e vinham direto, principalmente quem estudava no centro. Tudo acontecia ali, paquera, vinho barato (campo largo) e tudo que você pode imaginar que jovens reunidos poderiam proporcionar. O cronograma começava quinta-feira, o famoso almoço de quinta, era na frente do hotel Majestic, localizado na Av. Jorn. Rubéns de Arruda Ramos, de frente a Av. Beira Mar, sendo uma das localizações mais caras de morar, e não à-toa o local que mais avistamos bandeiras do Brasil hasteadas em período eleitoral atualmente, a elite de Florianópolis rodeia a região, assim como o bolsonarismo. Na sexta-feira o encontro era na frente do bobs, com os anos o Museu Histórico de Santa Catarina — Palácio Cruz e Sousa começou a ser mais truculento com esses jovens que ali frequentavam semanalmente, pois eles abriam na parte de trás, assim tínhamos acesso à área da escada (sempre ficava um policial militar resguardando o espaço) começaram a ser mais truculentos com esses jovens que ali frequentavam semanalmente. O bob's hoje não existe mais, claro o restaurante de fast food ainda está lá, mas é só isso.



Imagem 1, Página 13 da Revista Entendida, 2022. Digital, 21cm X 29,7cm.

A proposta partiu do desejo de falar sobre essas histórias que atravessam o universo lésbico, como pequenos rastros que, ao se acumularem, formam aquilo que podemos chamar de um arquivo lésbico. Um arquivo vivo, fragmentado e em constante movimento, especialmente aqui, nesta Ilha do Velcro.

Recentemente, participei de uma exposição que me trouxe de volta a essas reflexões. Entre as obras, uma imagem do artista Traplev me atravessou. Nela, a frase estampada dizia: "Sozinho a gente não vale nada." Aquela sentença, simples e direta, ecoou fundo e imediatamente me fez pensar no meu próprio trabalho e na política das



relações que sustentam essas existências dissidentes. Afinal, sem as pessoas ao nosso redor, o que sobra de nós? Sem as outras, como permanecer?

Essa afirmação parece carregar uma ética coletiva, um chamado para reconhecer que as experiências lésbicas, assim como tantas outras vivências dissidentes, são feitas em rede, em comunidade, na troca de olhares, de abraços, de escuta e de memória. São as amigas, as ex-namoradas, as parcerias de militância, as artistas, as professoras, as vizinhas, todas essas presenças que constroem esse emaranhado de afetos e histórias que nos sustentam. Não é apenas sobre estar junto, mas sobre tecer juntas os fios que nos mantêm de pé.

Diante disso, penso que este arquivo lésbico da Ilha do Velcro não se organiza de forma linear ou catalogada. Ele é um arquivo feito de restos, de histórias contadas de boca em boca, de mensagens salvas no celular, de fotos amareladas, de cartazes rasgados, de memórias que às vezes voltam como lampejos, outras vezes como cicatrizes. É um arquivo que também carrega os silêncios, os esquecimentos e as lacunas, mas que, ainda assim, insiste em existir.

Adrienne Rich, em seu clássico ensaio *Heterossexualidade Compulsória e Existência lésbica*, publicado pela primeira vez em 1980, também discorre sobre como:

A destruição de registros, memórias e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal, o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor (RICH, 2010, p. 36).

Outra artista que usa o arquivo como um meio de registro de pessoas dissidentes é a fotógrafa sul-africana Zanele Muholi. Em seu projeto, nomeado *Faces and phases* (2006), Muholi produziu um arquivo enorme sobre mulheres negras lésbicas e transgêneros. Sobre a sua motivação para a realização do trabalho, em entrevista para a Human Rights Watch, a artista demarca:



É o meu desejo poder encontrar ícones lésbicos positivos no Wikipedia ao invés de encontrar estes assassinatos brutais. Não há nada que seja focado em relações homoafetivas versus crimes de ódio. Quando começamos a falar sobre intimidade? Eu produzo fotografias que são íntimas porque eu sou uma pessoa dada à intimidade (ZANELE, 2013).

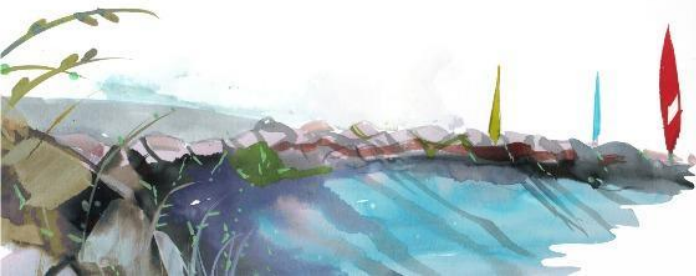
Nesse sentido, além do papel do arquivo e da memória na representação desses grupos marginalizados na sociedade, também denota-se a sua importância na construção da autoestima das pessoas que compõem esses grupos. Como coloca Hoki (2020), fazer um arquivo, seja ele audiovisual, documental, poético ou acadêmico, é pleitear a narrativa da história e exercer o direito de contá-la.

É justamente nesse insistir coletivo que mora a potência desse arquivo. Um lugar onde a solidão, embora presente, nunca é definitiva. Onde as histórias de uma podem atravessar e fortalecer a outra. Onde seguimos repetindo, como lembrou Traplev: "Sozinho a gente não vale nada."

Como Reunir

À medida que o número de respostas às minhas perguntas informais nos grupos de amigas foi crescendo, surgiu a necessidade de criar uma plataforma mais organizada, que possibilitasse reunir as respostas de forma anônima e centralizada. Assim, optei por elaborar um formulário online que pudesse ampliar e sistematizar essa escuta.

Com a criação do formulário, acrescentei novas perguntas para qualificar melhor essa busca. Incluí campos sobre idade, região de residência, etnia, e também sobre os lugares da ilha onde essas mulheres se sentiam seguras. As perguntas iniciais permaneceram, mas agora estavam acompanhadas desses outros marcadores, que me ajudariam a entender melhor quem eram essas mulheres e de onde falavam. Aos poucos, começava a tomar forma um possível perfil lésbico da Ilha do Velcro.



Ao final, o formulário reuniu vinte e três respostas, somadas ainda a outras que chegaram por mensagens privadas. Fiz então uma seleção, optando por incluir aquelas que mais dialogavam com os caminhos que este trabalho propunha percorrer. Muitas histórias ficaram de fora, mas, como acontece com todo arquivo, este também passou por um processo de curadoria, consciente de que toda seleção carrega escolhas, recortes e silêncios.

A parte que mais me deixava curiosa era em quais regiões essas mulheres estavam, por isso o formulário foi crucial, me permitiu fazer uma separação por regiões, estas eram: Região Sul: Armação do Pântano do Sul, Campeche, Carianos, Costeira do Pirajubaé, Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha, Rio Tavares e Tapera. Região Norte: Cachoeira do Bom Jesus, Cacupé, Canasvieiras, Daniela, Ingleses do Rio Vermelho, Jurerê, Internacional, Jurerê Tradicional, Ponta das Canas, Praia Brava, Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa. Região Leste: Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa, São João do Rio Vermelho. Região Continental: Balneário, Bom Abrigo, Capoeiras, Coqueiros, Estreito, Itaguaçu e Jardim Atlântico. Região Central: Agrônômica, Centro, Córrego Grande, Itacorubi, João Paulo, José Mendes, Monte Verde, Pantanal, Saco dos Limões, Saco Grande, Santa Mônica, Trindade e Carvoeira e por fim Grande Florianópolis: Palhoça, São José, Biguaçu e outras localidades.

Quem São As Reunidas

Na construção da revista a ideia foi subdividir o mapa por marcadores de localização para visualmente separar essas respostas.

Reunindo essas respostas iniciei a curadoria de quais histórias entraram na revista, juntei todas elas e parti para a produção das ilustrações que iriam adentrar a edição. Foram dez ilustrações no total, incluindo os marcadores de localização. A capa é um trabalho que foi desenvolvido na temática inicial da Ilha do Velcro.

A construção das ilustrações era baseada nas histórias, desta forma a ideia era identificar elementos que contassem ou resumissem aqueles casos.



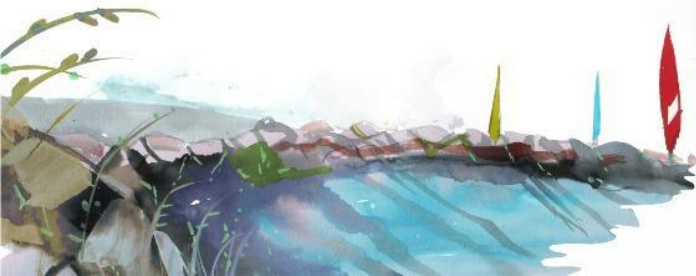
ED. ESPECIAL ILHA DO VELCRO N.1 / 2022

entendida



Imagem 2, Capa da Revista Entendida, 2022. Digital, 21cm X 29,7cm.

Incontáveis vezes já passei por aquele terminal, a imagem no ônibus azul me veio na cabeça, o terminal que mais vemos o pessoal de cooler no verão, biquíni, um milhão de idiomas sendo falados, torrão na pele pós-praia, sem contar que para chegar até ele descemos o Morro da Lagoa, lugar cheio de árvores, plantas e uma vista que não conseguiria descrever, se um dia você descer o Morro da Lagoa você vai se lembrar.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

“estava eu, sapatona de canasvieiras, trabalhando na temporada de verão em uma lojinha turística qualquer como fazia todos os anos. naquela temporada fiz uma amiga, uma moça que veio do RS pra aproveitar o verão e juntar dinheiro também, trabalhando noutra lojinha dessas perto da minha. ai a gente dava roles bacanas bem amigas mesmo e ai um dia ela disse “nossa dei match com uma menina incrível ficamos foi bem legal tu tem que conhecer!!” e eu falei legal vamo nessa”. chegamos no rolê e eu dou de cara com quem? claaaaro, uma ex ficante de mil anos atrás. rebuceteio da ilha não falha!!!!”



“Tem uma história que eu gosto minha que é pessoal, eu ficava com uma menina do meu colégio e queríamos passar mais tempo juntas sem necessariamente gastar dinheiro da passagem mas sem sair dos terminais e ai ficávamos andando de ônibus pra lá e pra cá juntas, ouvindo músicas e se acariciando de um jeito reservado pra não sofrer lesbofobia. Nosso terminal favorito era o tilag.”

“Uma amiga gaúcha (que coisa mais típica uma gaúcha na ilha?) mudou pra canasvieiras quando era adolescente e em um verão se apaixonou por uma argentina! (mais clichê que isso????) Acontece que essa argentina foi-se embora e passou um bom tempo (anos!) e elas não tinham mais contato. Há um certo ano, minha amiga deu match com uma moça no tinder, marcaram de se encontrar e quando foram se ver pessoalmente ela não percebeu a princípio até a mulher perguntar “no te a acuerdas de mi???” pois sim, era aquela mesma moça argentina, mudada e crescida e mais sapatona que nunca!!!”

“Nenhuma história em específico, mas a ilha é cheia de rebuceteio.”

Imagem 3, Página 7, Revista Entendida, 2022. Digital, 21cm X 29,7cm.

Quem são essas mulheres? Como elas identificam essas mulheres lésbicas? Me perguntei diversos dias, como seria a imagem dessa mulher lésbica da Ilha do Velcro. Uma das perguntas do formulário era essa identificação enquanto persona, que é a uma representação semi fictícia. Na região norte tivemos o seguinte relato:

“A sapa de Canas é serelepe e adora a praia, claro. A praia não é só pra banho de sol e mar, é ponto de encontro na noite, tomando uma cervejinha com as amigas ou a namorada e fumando um verdinho! Na adolescência andava pelo bairro com os amigos meninos e jogava futebol na praia com eles! A sapa de Canas é uma mulher trabalhadora, geralmente pega a linha 221 todos os dias e conhece muita gente pela ilha! É magricela e comprida, usa camisetas largas e bonés que cobrem os cabelos longos.” (RELATO 1, 2022)

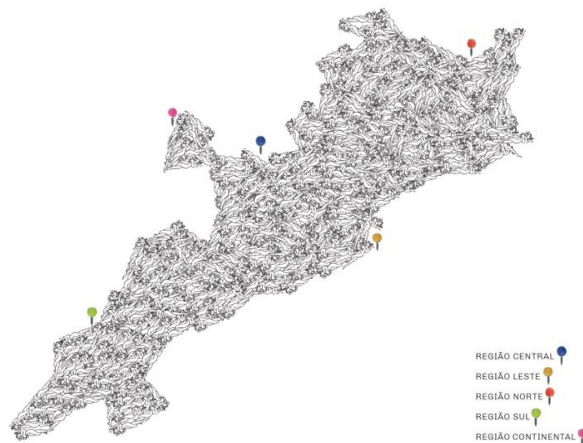


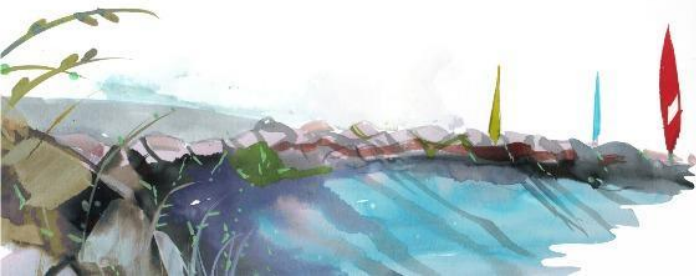
Imagem 4 e 5. Página 8 e 9 da Revista Entendida, 2022, 21cm X 29,7cm.

A região que mais obteve respostas foi a região central, por ser esse local de concentração de bares e baladas, a busca por uma moradia mais próxima ao centro é sinônimo de maior acesso à vida social, sem dúvida.

Morei 28 anos na cidade vizinha da ilha, um fato importante, pois eu não sou uma mulher da ilha, mas transito por aquela ponte diariamente, nunca voltei igual nas idas e vindas. A Grande Florianópolis é formada por nove municípios, a maioria das pessoas vai até a ilha para trabalhar, ou para ter uma vida social, mas de alguma forma transita entre as cidades como um conglomerado, como se fosse uma só. Muitas pessoas migraram de outra cidade do estado para poder se sentir mais confortáveis em viver sua sexualidade, como vemos neste relato coletado no formulário:

Na cidade onde nasci sempre me senti muito de fora e nunca 100% aceita, vindo de um lugar tradicional, do interior foi difícil assumir minha sexualidade, aceitar que eu sou uma mulher lésbica e me sentir bem com isso. Há 2 anos me mudei para Florianópolis à procura de um lugar mais seguro e sem preconceitos, muitos amigos meus já moravam aqui e falavam que era um lugar muito mais tranquilo. Minha experiência em Florianópolis sempre foi muito boa, difícil citar vezes que passei desconforto ou comentários sobre ser lésbica. Sinto que Floripa é um lugar onde sou aceita, consigo ser quem eu sou e também conheci várias outras mulheres que passaram pelo mesmo. Acredito também que Floripa possui balada, festas, lugares e rolês para a comunidade lésbica. (RELATO 2, 2022)

Na região sul obtivemos uma descrição bem detalhada da mulher lésbica:



Consigo enxergar dois tipos diferentes de mulheres, que podem até mesmo se intercalar. 1) Floripa é um lugar de fuga de muitas pessoas que vêm de outras cidades onde não tiveram a liberdade de poder ser elas mesmas. Por isso, essas mulheres têm a liberdade de se vestir como quiserem, mas uma tendência clara é o estilo elegante, cada uma do seu jeito. Apostando sempre em cores marcantes, looks que não passam despercebidos, paletas escolhidas a dedo e às vezes monocromáticas. As que gostam de maquiagem, não fazem maquiagens básicas, sempre apostam no diferente, em desenhos e cores incomuns. Todas apostam no bom e velho skin care e mantêm o rosto sempre saudável e lindo, por isso a maioria só sai na rua com protetor solar no rosto e nem um pingo de maquiagem, sabendo que seu look está lindo e sua beleza natural encaixa perfeitamente com ele. Seguindo a vibe do estilo elegante, isso também vale para os lugares que preferem frequentar com elas e as bebidas preferidas: um barzinho novo, com decoração interessante, com drinks de qualidade. Às vezes não um bar tão novo, como o Lama, mas intimista e com a certeza de que vai ter apenas seu grupo de mulheres e agregadas por ali. Mas como ninguém é de ferro, variar pela Hercílio Luz e bares da Victor Meirelles é um clássico e mostra que as divas são acessíveis a outros públicos. Mas sempre que surgir oportunidade de um encontro mais intimista, seja em um bar ou na casa de alguém, será a opção preferida. A bebida de escolha geralmente é um drink ou vinho, tentando inovar nos sabores. Mulheres baristas e boas cozinheiras são sempre mais veneradas, afinal: gostosas, de todas as maneiras. 2) outro tipo de mulheres que se relacionam com mulheres que consigo enxergar mas sem muito conhecimento sobre, são mulheres que praticam esportes e não frequentam muitas festas (que eu saiba). Tem tanto de um rolê específico de pessoas ricas e jovens já nascidas em Floripa que, provavelmente, teve contato no país sul da ilha: meninas que andam de skate na Hi Adventure ou surfam juntas. Também tem outro rolê que seria do skate em geral, não necessariamente sendo mulheres ricas, mas abrangendo mais classes sociais e etnias. Essas últimas curtem mais cerveja barata do que drinks, rolês mais diurnos e noturnos. (RELATO 3, 2022)

Compreendendo que estas descrições são um recorte muito específico de classe social, etnia e idade, mas algo que devo concordar é a descrição da mulher lésbica da Trindade: “Uma mulher lésbica da Trindade é uma loucura né! Bairro universitário a gente consegue ver todos os ‘tipos de sapatão’, mas as minhas preferidas são as caminhoneiras, que gostam de ir pro bar beber uma cerveja, trocar uma ideia e no off ser a conchinha menor.”

Brincadeiras à parte, reuni aqui diversas identidades formadas por essas mulheres lésbicas da região da grande Florianópolis, com intuito de entender essa imagem, este arquivo visual na cabeça dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A ideia e criação desta revista vem no intuito de comprovar que os corpos lésbicos sempre transitaram pelos territórios. Não haver um compilado em qualquer acervo é uma prova da discriminação que estes corpos sofrem, mas não de sua não existência no mundo.

A Entendida é uma forma de reunião e materialização de algo que já existe, de fofocas contadas na mesa de um bar, num café com amigas ou até mesmo em pontos de ônibus. A certeza que fica após a reunião de todos os causos é que não é apenas a ilha do velcro que pode ter tudo isso, podemos fazer um arquivo e revistas como esta em todas as cidades do país. Recolhendo nós mesmas por formulários, ilustrações, áudios ou imagens.

Essa fixação por reunir coisas desde criança, hoje resulta em uma espécie de começo de arquivo lésbico, onde posso mostrar como o território forma vivências, numa espécie de diálogo imediato com o ser, neste caso, o ser lésbico.

A criação desta revista parte de uma certeza inabalável: corpos lésbicos sempre habitaram e transitaram pelos mais diversos territórios. A ausência de registros visuais e acervos formais não significa que essas existências não ocorreram; é, na verdade, um reflexo da discriminação histórica que tentou, e ainda tenta, apagar essas presenças. Essa invisibilidade forçada se manifesta na falta de arquivos que deveriam, por justiça, documentar a riqueza da vida lésbica.

"A Entendida" surge como um ato de materialização, um espelho que reflete e amplifica aquilo que já existia nas entrelinhas do cotidiano. São as histórias contadas em cafés, as fofocas sussurradas em mesas de bar, os encontros em pontos de ônibus. Através das artes visuais, a revista transforma essa oralidade viva em imagens, ilustrações e registros que finalmente ganham forma e permanência.

A certeza que emerge após a compilação desses "causos" é que a vastidão de vivências lésbicas não se restringe a nenhum local. Se a "ilha do velcro" pode ter sua história documentada, o mesmo pode e deve ser feito em todas as cidades do Brasil. A proposta é clara: construir nossos próprios arquivos e revistas, usando formulários, ilustrações, áudios e, principalmente, imagens, para coletar e organizar essas narrativas.



Minha experiência, marcada desde a infância em reunir e organizar imagens, culmina agora em um início promissor de um arquivo lésbico. Com este trabalho, busco não só registrar, mas também evidenciar a articulação e a contínua reconfiguração das identidades lésbicas, tudo isso por um olhar das artes visuais.

Referências

HOKI, Leíner Emanuella de Carvalho. TRÍBADES, SAFISTAS, SAPATONAS DO MUNDO, UNI-VOS: investigações sobre a poética das lesbianidades. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

PESSOA, Leila [et al]. Solilóquios. Organização: Edson Macalini, Katharine Nóbrega, Marta Martins. Ilha de Santa Catarina: [s.n], 2020a.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ZANELE Muholi, Visual Activist. ZANELE Muholi, Visual Activist. Johannesburg: Human Rights Watch, 2013. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9aiufq04dp0&t=119s&ab_channel=HumanRightsWatch. Acesso em: 16 jun. 2025.

Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), bolsista Promop SC, com pesquisa focada em gênero, sexualidade e perspectivas cuier. Além da academia, atua como curadora e arte-educadora, investigando as interseções entre arte, identidade e sociedade.